

O espaço da memória em dois contos de João Melo

Renata Cristine Gomes de Souzaⁱ

RESUMO

No presente artigo trazemos uma análise de dois contos de João Melo, “Trinta e cinco anos” e “Os marginais”. Os textos que abrem e fecham a obra, *Os marginais e outros contos*, carregam a proposta do livro, que se propõe a fazer um balanço e a reavaliação do processo de descolonização e do pós independência. Para tal, trazemos uma análise espacial, que se foca nos lugares percorridos e no espaço da memória. Para tal, teremos como base teórica estudiosos como Paul Ricoeur, Roberto Vecchi e Benedito Nunes.

Palavras-chave: Espaço; Memória; Descolonização.

ABSTRACT

In this article, we bring an analysis of two short stories by João Melo, “Trinta e cinco anos” and “Os marginais”. The texts that open and close the work, *Os marginais e outros contos* [The marginals and other short stories], carry the proposal of the book, which proposes to take stock and reevaluate the decolonization and post-independence process. To this end, we bring a spatial analysis, which focuses on the places traveled and the space of memory. For such, we will have as theoretical basis scholars such as Paul Ricoeur, Roberto Vecchi and Benedito Nunes.

Keywords: Space; Memory; Decolonization.

Os Marginais e outros contos foi lançado em Angola no ano de 2013. O livro foi escrito por João Melo 35 anos após a Independência de Angola e esse espaço de tempo é primordial para pensarmos as narrativas que fazem um balanço desses anos e da Angola que pôde ser construída até aquele momento. Para tal, o autor mapeia vários lugares e momentos nesses 35 anos ao longo dos contos.

O livro é composto por sete narrativas que, para tratar de Angola, trazem questões como acomodação, desilusão, vingança, silenciamentos e a fuga do real. O

ⁱ Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense, graduação em Letras Português/Literatura pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pela Universidade de Coimbra. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7830-4571> / renatacgs@id.uff.br

poder e os sentimentos de frustração e impotência também podem ser observados ao longo dos textos, mesmo com as variações de eixo temático. Os contos atuam como uma forma de representação artística do poder em Angola, discutindo e trazendo à tona alguns de seus problemas sociais e políticos. As narrativas que compõem a obra não trazem um retrato fiel do país, mas apresentam uma visão que possibilita um entendimento do espaço então ficcionalizado.

No texto “Os fins do tempo do fim: descolonização, negação, pertença”, Roberto Vecchi traz como epígrafe um trecho retirado de uma publicação em um blog. Nesse trecho, há uma reflexão sobre como a descolonização foi fundamentada e dá pistas sobre porque o sistema colonial de fato não teve fim, mesmo após as independências. O primeiro parágrafo do texto segue o tom da citação e fala da impossibilidade da descolonização, como podemos ver a seguir:

Não houve descolonização nenhuma, o que houve foi os comunistas portugueses a entregar Moçambique aos comunistas moçambicanos, Angola aos comunistas Angolanos e o mesmo com os restantes territórios ultramarinos, tudo sob a tutela dos comunistas soviéticos, que afinal também tinham colónias, como depois se viu com o fim da URSS “A hora da reconhecibilidade” (“Das Jetzt der Leserbarkeit-Erkennbarkeit”).

O nome “descolonização” diz o impensável, mas ao mesmo tempo é uma palavra da ordem do ‘pensado’ [...]. Esta consistência espessa, o ato de nomeação que subtrai o agir histórico do espaço do irrepresentável para encontrar a sua surpreendente, ainda que esperada, inscrição – problemática, quanto quisermos, mas efetiva – entre as muitas implicações produz sobretudo o problema da temporalidade: qual é a duração, dentro desta consistência histórica, do suposto esvaziamento do colonialismo, do gesto fundador e formador de um modo português de fazer impérios? (VECCHI, 2016, p. 43-44).

Em *Os Marginais e outros contos*, vemos, através de relatos e reencontros, caminhos e jornadas que nos mostram como essa impossibilidade de existir a descolonização é expressa a partir dos espaços da cidade, representações essas que acessam o espaço da memória.

Há uma representação do passado recente presente em textos que mesclam ficção e realidade na construção de parte dessas narrativas que, por muitas vezes, se ancoram em marcos, acontecimentos políticos, figuras públicas e espaços significativos para a história de Angola. O autor traça um olhar para a Angola contemporânea, mostrando que o que se tem hoje não é o país que ele e tantos outros sonharam em construir. Para ficcionalizar essa perda de utopia, o autor traz personagens que lutaram

pela independência e apresenta, sobretudo, personagens que tiveram suas vidas mudadas após a independência. Nota-se, com a leitura dos contos que o espaço do qual se fala, define o olhar dos personagens para o país.

As histórias que iniciam e fecham a obra, “Trinta e cinco anos” e “Os marginais” apresentam, através das relações entre amigos que lutaram pela independência do país, a rememoração do passado e a possibilidade de resistir. Os textos trazem o reencontro de amigos que lutaram juntos pela libertação, tendo como tema central a redescoberta do olhar esperançoso do passado que contrasta com os silenciamentos no que diz respeito ao presente. Desencanto e frustração traçam os rumos desses personagens, mas o encontro mostra que ainda há lugar para idealizações e novos sonhos para a nação. Neste artigo, trataremos dos contos citados.

Um reencontro possibilita uma reavaliação do passado comum. E é partindo dessa premissa que os contos analisados se estruturam, abrindo possibilidades de questionamentos, confrontos, apresentações de pontos de vista. Neles, ex-combatentes e/ou ex-revolucionários avaliam a si mesmos, a luta da qual participaram até Independência e a forma como cada viu e viveu a “descolonização”. Segundo Roberto Vecchi, um traço importante e que se manifesta, também, linguisticamente é o sentido plural da descolonização. O estudioso ainda afirma:

Não uma descolonização, mas múltiplas, plurais descolonizações que alteram em profundidade um conceito que não é linear ou pontual mas pelo contrário destaca-se pelas suas proliferações de experiências e imagens (coerentemente aliás, com as ambiguidades do tempo messiânico, poder-se-ia reparar). A figuralidade deste tempo e conceito complexos encontra uma possibilidade no campo literário ou de qualquer modo estético que talvez se caracterize pela possibilidade de dar forma a pluralidades de outro modo tão inapreensíveis num plano mais linear como no ensaio ou no discurso histórico. Por isso talvez a literatura da descolonização (seja ela vinculada à imagem escatológica do apocalipse ou a uma outra configuração temporal como por exemplo aquela profética que adianta no presente o anúncio de futuro, como se depreende nos projetos independentistas que surgem na contração do tempo presente), com o mosaico de memórias e experiências desconectadas e até em contradição permaneça um campo mais ativo do que por exemplo aquele ainda não resolvido e em aberto da historiografia (VECCHI, 2016, p. 48).

Nos reencontros presentes nos textos, vemos sujeitos que mostram formas diferentes de ver a descolonização e tentativas diversas de se reconstruir e construir um novo lugar. Para tal, há incursões na memória, retornos temporais e uma junção de

passado e presente representados nas páginas de cada narrativa. O que o estudioso chama de mosaicos de memórias e experiências desconectadas se unem formando as possíveis formas de descolonização representadas. Seja em Luanda ou fora da capital angolana, os encontros retomam o espaço urbano do país, a experiência dos que viveram, vivem e as questões que os ligam a esse lugar.

Uma das tônicas de *Os marginais e outros contos* é apresentar a resistência e a possibilidade de ter esperança. A narrativa “Trinta e cinco anos” abre o livro. O encontro entre amigos revolucionários nos traz uma representação de Angola, sobretudo do espaço urbano angolano, após 35 anos de independência. O conto trata de questões como a utopia, que movia a luta e unia esses amigos. Em nossa análise veremos duas possibilidades de espaço, o espaço da memória e os espaços percorridos pelos amigos, para tal, recorreremos ao conceito de cronotopo, de Bakhtin. Para Bakhtin tempo e espaços estão ligados na construção de um texto, dessa forma, o pesquisador propõe que o espaço é uma das formas possíveis de entender a representação do tempo em uma narrativa, e pode ser lido e compreendido de formas diversas. Logo, com uma leitura do tempo também podemos compreender o espaço, suas modificações e desenvolvimento dentro de uma narrativa. Assim, conjugando espaço e tempo, teremos leituras que se relacionam com a forma de olhar o país, partindo dos encontros e afastamento desses antigos combatentes.

A utopia um dia uniu esses amigos, os quais, 35 anos depois da independência, rememoram o passado e pensam na Angola que imaginavam e lutavam para ter no futuro. No caso de Angola, a utopia tinha um viés político, no período de luta pela independência, de transformação do país e da sociedade, “as utopias políticas constituem uma aposta irrestrita no poder da razão humana, que aliada à ideia de progresso, típica do Iluminismo, seria capaz de garantir às sociedades humanas formas mais justas de organização social” (MATOS, 2017, p. 228). Porém, a utopia, nesse caso, assume o conceito marxista contemporâneo, o qual defende serem as utopias “irrealizáveis, por não se veicularem às condições estruturais concretas da sociedade” (MATOS, 2017, p. 228).

Na organização do conto, vemos que há mais momentos em que se trata da luta e dos ideais que uniram aqueles amigos do que do encontro em si. O irrealizável e a Angola sonhada são mencionados no conto, que traz uma linguagem que corrobora com

ideário que forma o sonho de construção da nação liberta e justa. Assim como os ideais da nação livre são retomados a partir do encontro e das lembranças dos amigos, a linguagem utilizada naquele momento também é retomada. Vemos o uso de uma linguagem que reflete o discurso apologético e celebratório da libertação e, para tal, há o uso de lemas e frases feitas próprias daquele momento. Há nesses trechos uma linguagem que simboliza a grandeza dos seus sonhos, a grandeza de sua luta e também a grandeza da pátria que procuravam construir. Esse discurso é construído de modo que a humanidade não seja retirada dos sujeitos, não há heróis, sim jovens que sonhavam com a libertação de Angola, homens e mulheres lutando por um ideal.

Há trinta e cinco anos tudo parecia possível e ao alcance de todos, em especial dos seres absolutamente comuns, indignos e, mais do que isso, inomináveis. Um verbo inesperado brilhava em todas as línguas, acesas como sóis. Ainda não sabíamos que o inesperado ou diferente não quer necessariamente dizer novo e muito menos renovado ou redentor. Por isso, cavalgámos esse verbo como arautos de um anti-Deus decidido a recriar o mundo, mas dessa vez sem descansar, pelo menos enquanto todas as injustiças históricas, carregadas até nós pelos milénios que antecederam, não fossem reparadas. Não acreditávamos em qualquer predestinação, mas apenas na nossa própria vontade, estrita e, simples e pura: tínhamos uma escolha a fazer e fizemo-la. Marchámos voluntariamente ao som das canções coletivas, acreditando que poderíamos alcançar o sol, pegá-lo com as nossas próprias mãos e erguê-lo sobre a cabeça expectante da humanidade, para que, exorcizados todos os crepúsculos, ele brilhasse sobre ela, per *saeculorum* (MELO, 2013, p. 14-15).

No texto, uma das relações com o espaço vem a partir da luta que unia os amigos. A fim de se juntarem pelo ideal comum, cada uma vinha de um lugar diferente da então colônia. A crença nas palavras de ordem e nos ideais que os uniam era construtora do ideal utópico de uma terra liberta, de uma terra para os angolanos. Não há no texto descrições longas, nem mesmo relações ou especificações que diretamente remetam ao espaço. Há poucos espaços descritos e mencionados no texto, mas podemos nos utilizar de outras formas de observar e analisar esse elemento narrativo.

A primeira forma de analisarmos a representação do espaço é a partir de ações motivadoras da narrativa: o encontro e o distanciamento desses amigos. O passado e os lugares percorridos são trazidos a partir do olhar do narrador, que conta trechos de sua conversa com os amigos e reflete sobre o passado e presente, como podemos ver a seguir:

A história juntou-nos e a história separou-nos. Quando fizemos a nossa escolha, há trinta e cinco anos, não perguntamos de onde tínhamos vindo. Havíamos chegado juntos àquele lugar, que urgia transformar em outro tempo e outro lugar, onde todos os reinventaríamos, independente das origens de cada um. Unia-nos o futuro e não o passado. O que, dramática e infantilmente, esquecemos é que o futuro não acontece como simples e mera consequência do tempo: é construído violentamente pelo presente, o qual, muitas vezes, não hesita em mistificar ou elidir o passado. O presente é sempre truculento (MELO, 2013, p. 25).

No trecho vemos as relações entre o tempo e a luta desses amigos, junto ao olhar que eles têm para o país. Os amigos faziam parte do MPLA, partido que se desenvolveu nos centros urbanos, mais especificamente na capital. Embora não seja mencionado, parece ser implícito que é em Luanda que esses amigos se encontram, e ali começam a formar o ideário que os guiava. É na capital que se encontram, mas depois se distanciam, enquanto lutam pela libertação, como explicita o narrador: “Nós estivemos lá, no epicentro desses dias de fogo, com o qual desejávamos forjar ardentemente novas formas de amor, sobre a memória do ódio, da discriminação e exploração” (MELO, 2013, p. 16). A partir da luta de libertação conhecem outros espaços da nação, onde são expostos à violência da luta armada:

Não hesitámos, pois, quando o futuro em que acreditávamos nos apelou, veemente e imperativamente, para começar a construí-lo e defendê-lo em todos os pontos da terra invadida, onde a premência do tempo imaginado e desejado se impunha irresistível. Fomos soldados, professores, médicos, engenheiros, jornalistas – ofícios descobertos pelas mãos de todos os engenhos, a necessidade, tantas vezes imponderável e sangrenta. Nesses dias iniciais pouco soubemos dos outros. Mas as notícias das nossas perdas particulares não se fizeram esperar. O Noélio, por exemplo, cobardemente abandonado por aqueles que o convocaram em nome do futuro, foi morto no planalto do Bié e o seu corpo esquartejado e lançado às águas do Kwanza (MELO, 2013, p. 16-17).

Em *História de Angola*, os historiadores Douglas Wheeler e René Pélissier afirmam que a luta se inicia no norte de Angola, em 15 de março de 1961,¹ quando postos administrativos e fazendas portuguesas foram invadidos. Esse evento apontado pelos pesquisadores marcam o início da guerra de libertação. A partir da luta armada, os amigos descobrem uma outra Angola, outros povos dentro da nação e seus territórios. Embora seus ofícios sejam forjados pela necessidade, suas ocupações revelam um grau de instrução, adquiridos em centros urbanos.

A tomada desse território é uma ação política, mas também é uma forma pessoal de conhecimento da terra para esses sujeitos que assim conhecem Angola além da capital. Ao mesmo passo é um movimento de reconquista e de exploração.

Essa descoberta e ocupação da terra se dá ao longo de toda a trajetória de luta dos personagens, o que é visto com um tom idílico e de enaltecimento junto à violência da guerra, ressaltadas na descrição da morte de Noélio. O trecho traz a brutalidade da luta e a tira de um olhar idealizado, que por fim retorna à utopia e a resistência: “Os seus pedaços vilipendiados transformaram-se em flores que ainda hoje vagam por todos afluentes da pátria inteira, sem que, contudo, ninguém os veja mais” (MELO, 2013, p. 17). Mesmo depois de mortos, guerrilheiros como Noélio ainda correm pela nação, sua história e sua luta fazem parte de cada canto desse território, que segue sendo reconquistado por quem por ele lutou.

Os amigos relembram a noite em que a independência foi conquistada e o sentimento comum de que mesmo longe sentiam-se juntos. A descrição da noite em que a liberdade foi conquistada reflete a grandeza dos sonhos desses combatentes:

cada um devia dizer onde estava na noite em que a pátria, ameaçada e cercada por todos os lados, fazia sua entrada na história, orgulhosa e intrépida disposta a sobreviver e afirmar-se ou a soçobrar. Naquela noite faiscante, em que o céu ganhou novas estrelas, que tombaram sobre as cabeças dos homens como uma chuva ao mesmo tempo benigno e exaltante, velho dilema hamletiano impunha-se com toda a sua brutalidade: a pátria existiria conta todas as conspirações secretas ou não. O sonho que nos fizemos largar tudo para persegui-lo com urgência e a inimitável irresponsabilidade da juventude ardia na voz do homem do centro da praça (MELO, 2013, p. 20-21).

nenhum de nós tinha estado realmente na praça, mas todavia, a praça estava inteira dentro de nós, não apenas nas histórias que esforçadamente tentávamos resgatar, trinta e cinco anos depois naquele jantar marcado pelo Barbas, em uma troca de e-mails que durara quase dois meses, mas sobretudo no nosso destino individual coletivo. [...] aquela praça, na realidade, é uma espécie de cicatriz indelével que carregamos pra sempre entre os nossos olhos. Talvez porque a nossa presença na praça, naquela noite inicial em que pensamos que tudo estava a começar pela primeira vez, mais do que uma evidência, seja hoje uma lembrança permanentemente construída (MELO, 2013, p. 21-22).

A independência de Angola foi anunciada por Agostinho Neto, líder do MPLA, no Largo Primeiro de Maio, hoje chamado Largo da Independência. Nesse mesmo dia Holden Roberto, líder da FLNA, proclamou a independência no Ambriz, assim como Jonas Savimbi, líder da UNITA, fez no Huambo.

O narrador fala da independência anunciada pelo MPLA, a praça por ele citada trata-se do Largo Primeiro de Maio. A dedicação à luta armada fez com que esses amigos não estivessem presentes no momento em que a libertação foi alcançada. Estar no Largo Primeiro de Maio na narrativa é um sentimento, que esteve em cada guerrilheiro, como se lá estivessem presentes, uma forma de afirmação da luta. Por isso afirmam, elevando a grandeza do momento que estavam também na praça todos que lutaram pela independência.

Parece ser também na capital que estes amigos se reencontram, o lugar não é mencionado, mas acreditamos ser Luanda, como já dissemos. Lucrécia Ferrara afirma em “Cidade: meio, mídia e mediação” que “a lógica construtiva de uma cidade é o suporte que se disponibiliza à comunicação de uma ideologia, de uma utopia, plano ou imagem que, enquanto mídias, articulam desejos e valores a identificar uma cidade entre cidades” (FERRARA, 2008, p. 43). A cidade não é citada, mas o leitor é levado a crer que se trata de Luanda, tanto pela sua centralidade, como pela composição do narrador e das conversas que são trazidas. O partido ao qual os amigos apoiavam tem suas bases na capital e veiculava seus discursos nas escolas e universidades, que por eles eram frequentadas. As vivências e influências do espaço que habitavam e que percorriam são propiciadoras da iniciação de parte dos amigos na luta.

Vemos, na trajetória desses sujeitos a influência do espaço em sua inserção na luta, seja através da observação ou mesmo do que o lugar pode propiciar. Primeiro o narrador fala de Linda, branca, de família humilde, que percebe na igreja como seus pais, também explorados, tratavam com desprezo os frequentadores negros do templo. Como aponta Raquel Rolnik, a igreja é uma construção importante na construção da cidade ocidentalizada, pois reflete a forma de organização social. Ao observar mais claramente como aquela sociedade era arquitetada, nesse microcosmos social, a personagem passa a rever suas crenças. Desse modo, sua crença acordada ao comunismo se desenvolve, tendo nessa forma de pensar e idealizar a sociedade uma afirmação da fé que já existia. Isso ocorre a partir da observação das injustiças, poderes e discriminações não ditas, que são passados de geração em geração, como a fé que naquele espaço professavam.

Já a iniciação de Barbas na luta pela independência acontece quando longe dos pais, retornados para Portugal, passa a viver na casa de Tia Arminda. Lá escuta “pela

primeira vez certas palavras proibidas – liberdade, revolução, independência” (MELO, 2013, p. 23). Sem a tutela dos pais e do irmão, que servia o exército colonial, Barbas pôde perceber o espaço e sua relação com ele de outra forma. A apreensão de um espaço é feita também, a partir de quem nele circula, e quais ideias nele circulam. Sem o cerceamento da família e vivendo rodeado de outros jovens, o personagem tem acesso a outros discursos.

Até então, falamos do encontro e do afastamento dos amigos. Para tratarmos desses movimentos e também do reencontro dos personagens, analisaremos o espaço a partir do tempo e das motivações das reuniões e afastamentos. Para isso, teremos como foco a desilusão e a utopia como sentimentos que os une e que também os separa. Assim, veremos um passado e futuro idealizados como motivadores das movimentações desses sujeitos e da forma de ver o espaço angolano.

do ponto de vista de uma fenomenologia da experiência perceptiva, o temporal e o espacial nas artes formam domínios mutuamente permeáveis, que não se excluem. [...] pode-se adotar, como critério distintivo, o da dominância do tempo na música e na literatura; o que significa dizer que, quando o espaço é dominante, a temporalidade é virtual, e que quando o tempo é dominante, a espacialidade é virtual (NUNES, 1988, p. 11).

Como afirma Nunes, a literatura tende para uma predominância de representação temporal, mas esta representação torna virtual o espaço do qual trata, ou seja, o torna explícito e potente. Ao trazer as ideias de tempo, passado, presente e futuro, vemos quatro olhares sobre o espaço Angolano: O passado em que houve o domínio português, o passado de lutas e de esperança dos guerrilheiros, o presente como o momento do reencontro, no qual se olha para o país com um pouco de esperança, mas também desilusão, e futuro que desejavam/desejam construir.

O olhar esperançoso perpassa todos esses momentos e se reflete na forma como o narrador vê o espaço. Apesar de as conversas entre os amigos e as reflexões do protagonista trazerem esperança, sempre apontando para o futuro, no trecho “Ainda não sabíamos que o inesperado ou diferente não quer necessariamente dizer novo e muito menos renovado ou redentor” (MELO, 2013, p. 14) há uma alusão a Angola do presente e como o país se desenvolveu nos 35 anos em que estiveram separados. Nesse presente há o entendimento que a Angola em que estão é muito diferente da sonhada por eles.

A poeta e estudiosa de literatura Marília Garcia, no livro *Parque das ruínas* apresenta um poema metalinguístico, no qual reflete sobre as possibilidades de representar e pensar um lugar ao mesmo passo que tem como foco seu procedimento de escrita. Ao longo das divisões do poema, são apresentados fotos, lugares, obras, trechos de cartas. Na décima sétima divisão, a poeta fala sobre a relação do espaço com o tempo e das formas diferentes de olhar o lugar. Junto ao trecho, que veremos a seguir, a poeta traz uma imagem de *Angelus Novus*, obra de Paul Klee, também utilizada por Benjamin para discutir a relação entre o tempo e espaço:

17. quando nos referimos espacialmente ao passado reproduzir
dizemos que ele está situado atrás
e podemos apontar para trás indicando o que passou
o futuro ao contrário fica para frente
o porvir é algo que nos leva adiante

existe uma língua de uma tribo andina
na qual essa lógica se inverte:
o passado fica diante de nós a nossa frente
afinal podemos ver o que já aconteceu

e o futuro ainda desconhecido
fica atrás às nossas costas
pois não o vemos
(GARCIA, 2018, p. 49).

Esse poema apresenta a complexidade que pode ser observada na relação entre o tempo e espaço, trazendo uma forma de olhar esses elementos no conto. No conto, o passado está à frente, ele é o que pode ser visto, por isso é trazido à tona pelos amigos, em suas falas ele é aludido quando tratam de suas conquistas. A própria linguagem utilizada no texto recupera esse desejo de mudança do passado, desejo que aponta para uma projeção futura, que permanece, que resiste. Enquanto ainda houver a utopia, o passado se encontra atrás, à frente e no presente porque ele é a representação de uma forma de resistência. Guiado por uma desilusão no presente, o passado parece glorioso, assim como o futuro que não chegou: Angola ainda é vista como um lugar de possíveis utopias.

Algumas dessas temporalidades, e consequentemente, esses olhares para o espaço podem ser observados no trecho a seguir:

Até que os detalhes foram perdendo o brilho o fulgor e, aos poucos, como acontece, disse certo dia um poeta, a corrosão histórica dos metais, tornam-se

insuficientes para continuarem a alimentar o exercício do nosso sonho comum. Outros detalhes e acasos os substituíram, graves e ponderosos, levando cada um de nós a trilhar, com ou sem paixão, outros rumos que nos fizeram perder uns aos outros nos últimos trinta e cinco anos (MELO, 2013, p. 24).

A desilusão é a marca de um presente em que observamos o reencontro. O narrador se questiona “Quando é que começámos a perder-nos?” (MELO, 2013, p. 24), falas e questões como essa não são repassadas aos amigos, e o espectro da desilusão e a possibilidade de utopia oscilam e se mostram ao longo de todo o texto.

O conto “Os Marginais” é o último da obra que tem seu nome no título, *Os Marginais e outros contos*. Na narrativa, temos como personagens dois amigos, Pedro Buta e Carlos Dias, que se encontram em Paris e conversam sobre seu país de origem, Angola, passando por suas atuações como combatentes, questões políticas e como veem Angola hoje. Para tal, o texto traz retornos ao passado. A memória é o lugar onde o texto se desenvolve, em junção com a apresentação de momentos históricos é arquitetado o clímax final do texto, como se ao longo da narrativa passado e presente se contrapusessem para trazer o impacto final.

Temos, então, uma antiga amizade, com seus segredos e ambiguidades. Os amigos têm suas divergências quanto a forma de ver a política no país e mesmo de ver o país. O texto retoma o golpe de Nito Alves, em 1997, que é um momento decisivo na amizade dos dois. Laços de amizade, corrupção, crenças e utopia se mesclam nesse enredo.

Vejam os seguintes trechos que tratam da admiração que no passado um dos protagonistas nutria por Nito Alves: “Carlos sentia um fascínio inexplicável pela figura do comandante Nito Alves, cujo discurso, pomposo e emaranhado, era um capaz de entender, mas que empolgava de tal maneira que não podia passar sem ele” (MELO, 2013, p. 147). Foi essa admiração de Carlos, que o fez alvo de uma investigação da qual foi salvo por Pedro que, então, passa por cima de sua função em nome dessa amizade.

Um desses detidos mencionou o nome de Carlos Dias como um dos mais honestos intelectuais marxistas-leninistas que apoiavam a causa de Nito Alves contra traidores social-democratas infiltrados no MPLA [...]. Pedro Buta naquele dia estava sozinho, o que era um sinal da confiança de que gozava junto da direção do partido, deu um pulo da cadeira, que caiu com estrondo no chão. Começou a suar frio. No entanto, agiu com presteza. Chamou o jovem operador de som e, sem denotar qualquer sobressalto, paixão ou interesse, ordenou-lhe que eliminasse um determinado trecho das

declarações, que, explicou, era uma repetição. Assim, ninguém soube jamais que o amigo tinha sido referido por um dos chamados nitistas como suposto apoiante do movimento. Naqueles dias assombrosos, essa simples referência, comprovado ou não, era quanto bastava para se ter passado pelas armas justiceiras da Revolução. “Revolução” (MELO, 2013, p. 149).

Mais do que o sentimento da amizade, esse momento liga Pedro a Carlos. O descrédito no governo e a desilusão marcam a postura de Carlos, que tem atitudes contraditórias e depois de tanto defender seu país vive em Paris, com seu passaporte português. Pedro Buta, conhecido também como Esperança do Povo, faz questão de ser lembrado por essa alcunha.

A princípio, Carlos, então com pouco mais de 20 anos de idade, achava que o nome de guerra do novo amigo – “Esperança do povo” – possuía um poderoso e inefável charme revolucionário, cujo simbolismo, apesar de óbvio, ou precisamente por causa disso, ele considerava exaltante inspirador, mas a medida em que as sombras foram ocupando o seu inelutável lugar na história, tornando os sonhos antigos e cada vez mais rarefeitos e absurdos, passou a fazer, embora apenas para si mesmo, toda a sorte de trocadilhos, impiedosos e cruéis, com a designação que Pedro Buta insistia, apesar de tudo, em ser conhecido (MELO, 2013, p. 147).

A insistência de Pedro Buta na designação mostra como via o país, ainda com um olhar de esperança e se via como agente dessa mudança de alguma forma. Já Carlos, ao longo do tempo começa a desacreditar do futuro do país nos moldes em que sonhou. O trecho também nos permite ver as nuances que a relação entre os amigos carrega. O descrédito não é apenas no país, mas também no sonho do amigo. O país e o sentimento revolucionário uniram esses amigos, que se distanciaram ao longo do tempo, em razão de suas diferentes escolhas.

“Esperança do Povo” recusava-se a compreender aqueles que passavam a vida a criticar a situação do país, mas que, deliberadamente, se colocavam à margem, como se não fossem angolanos. Alguns, como seu velho amigo Carlos Dias, resolveram emigrar. Mas ele conhecia outros que continuavam a viver no país como se estivesse em Lisboa ou em Londres. Muitos deles haviam-se envolvido, nos primeiros anos de independência, em atividades políticas e revolucionárias de todo o tipo, inclusive nos órgãos de segurança, mas agora queriam esquecê-lo radicalmente (MELO, 2013, p. 164).

O encontro faz com que essas ambiguidades sejam colocadas em xeque. Pedro Buta, o Esperança do Povo, mantém a sua esperança, ele resiste, com criticidade para os erros e acertos dessa história recente, pontuando a sua participação e a participação de

seus amigos. Já Carlos Dias é desiludido quanto ao futuro do país, e se nega a ver sua participação e seu abandono como produtor dessa realidade da qual fugiu.

Para tratar desses dois perfis e da forma como cada um observa o lugar pelo qual lutaram, o texto apresenta uma estratégia de composição. Uma das características mais importantes no conto é a brevidade, sendo determinante em sua formulação. Em um conto, a história não deve ter excessos, pois tem de propiciar a leitura em um “único fôlego”, ou seja, uma leitura sem interrupções, em sua totalidade, para que a compreensão da ação narrada não seja fragmentada. Uma outra característica é ter como foco uma ação, o que não acontece com esse texto, o ponto principal do texto é a discussão histórica que ele propõe. Desse modo, “Os Marginais” corrompe o propósito inicial do conto, que é trazer um grande impacto com um texto curto e que tem como centro a ação. No texto, o foco principal é a reflexão que os retornos ao passado trazem e como ambos veem Angola.

Trata-se de um texto entrecortado por muitas questões e retornos históricos, que contextualizam o leitor, que a cada página compreende as tomadas de decisão dos personagens e seu desejo de estar ou não estar no seu país de origem. A resistência e desilusão são temas que dão base a essa narrativa. Segundo Paul Ricoeur, a história como ciência está indiretamente ligada a linguagem literária e acrescentamos aqui que a formação de uma nova visão sobre a história está ligada ao discurso crítico que a ficção pode trazer.

É distante do seu lugar de origem e com distanciamento dos acontecimentos que a conversa acontece. Longe de seu país, em um espaço mais próximo do antigo colonizador, em um país que ainda tem colônias, que os personagens não conseguem deslocar seu pensamento de seu país, o que se reflete também na forma como veem o lugar. “Os seus olhos estavam fixos nas águas silenciosas do Senna, que corria, modesto e ridículo, diante da imagem caudalosa do Kwanza que não lhe saía da cabeça, ao lado do café onde eles tinham se encontrado” (MELO, 2013, p. 166).

O texto usa como artifício de composição a reconstrução do fato histórico, através da ficcionalização com uma perspectiva crítica e questionadora em um estilo literário contemporâneo, próprio da pós-modernidade. Temos, então, uma ficção pós-moderna que une seu compromisso político e contestador com o uso da ironia, junto a uma inovação técnica. O conto aqui discutido traz uma subversão da forma, o texto que

dá nome ao livro de contos usa a ironia, presente na exposição de escolhas dos personagens que parecem ser contraditórias, para apresentar esses dois perfis e essas duas perspectivas de olhar para Angola.

A forma como os fatos históricos são narrados e sua importância, dedicação e relevância são trazidos para que possamos conseguir entender como cada personagem cria seu olhar para o espaço pelo qual lutaram e de onde se originam, Angola. O discurso histórico é construído de acordo com a intencionalidade e o ponto de vista de seu autor, como aponta Paul Ricoeur

Os episódios registrados são definidos por sua posição em relação a outros: sucessão de acontecimentos únicos, bons ou ruins, de regozijo ou aflição, esse tempo não é cíclico nem linear, mas amorfo; é ele a crônica referenciada na posição do narrador que relata, antes que a narrativa separe a história contada de seu autor (RICOEUR, 2007, p. 165).

Alguns fatos ficam em detrimento de outros para que o efeito desejado seja atingido. No caso do texto aqui trabalhado, há uma retomada do período pós independência e dos jogos de poder que envolviam Nito Alves, Agostinho Neto e Eduardo Santos e a forma como o país seria então governado. Para compreendermos o presente, a conversa que os amigos têm e a forma como cada um fala de seu país, é necessário olhar para esse passado e olhar também para a amizade desenvolvida pelos protagonistas. O posicionamento de cada um dos amigos é mediado pelo modo como cada um se coloca em meio a jogos de poder que são apresentados ao longo do texto, os quais muitas vezes esbarram em suas escolhas pessoais. Enquanto Carlos Dias considerava o poder como algo destrutivo e a razão do declínio de seu sonho, Pedro Buta, ao conversar com o antigo amigo, problematiza:

Mas nem todos nós que participamos na guerrilha pensávamos no poder da maneira tortuosa e destrutiva com o proclamas agora. O poder, para nós, não era um sonho secreto e pecaminoso. Era um destino inelutável. Uma condição para que o “nós” pudesse existir de facto, em toda a sua plenitude, aventura e alegria. A verdade é que, nos primeiros anos da independência, a possibilidade dessa construção parecia irrefutável. Quando foi, então, que o “nós” se cindiu? Quem são os culpados por essa fratura insidiosa que esvaziou o sonho coletivo e instaurou novamente o “eles”? O “eles” a que te referes, com amargo e dorido acinte, somos nós, que não logramos cumprir o que anunciamos, traindo, supostamente, todos aqueles que nos acolheram como os deuses em 74? Não, caro amigo. Reconheço, há muito, sua lucidez. Portanto não ceda à tentação da auto responsabilização. Todos nós destruímos o “nós” que desejamos construir, mas que, na realidade jamais

podéssemos ser. Essa pele, na verdade, é demasiado curta para tantas culpas, tantos ressentimentos, tantos em quantos desejos, tantas ilusões, tantos interesses. Nesse sentido, fatalista ou não, a responsabilidade histórica é sempre coletiva (MELO, 2013, p. 165).

O retorno histórico apresentado, assim como os segredos dos amigos acentuam a auto responsabilização que não é feita por Carlos Dias. Parece que, com esse discurso, Pedro tenta mais uma vez salvar o amigo, agora de suas próprias crenças.

A conversa entre os dois amigos expõe esses dois lugares em que ambos se encontram, quando se trata de sua atuação enquanto revolucionários. Em um desses lugares há a percepção que a ruína do sonho de construção do novo país se deu em razão de uma série de ações corruptas, pequenas ou grandes. O texto fecha uma obra que tem um tom reflexivo, com contos em que “culpados” são apontados, mas sem trazer tantas dualidades. O conto, que dá nome ao livro, traz esses personagens contraditórios, que não são maus ou bons, que são críticos, mas que também agem em benefício próprio e no de seus entes queridos. A auto responsabilização de Pedro Buta e sua argumentação nos leva a uma reflexão: os atos corruptos grandes ou pequenos fizeram parte do desmonte do país que desejavam. Desejar o poder fazia parte da utopia nutrida naquele momento, mas usar o poder em benefício próprio foi o problema. O poder e a luta por ele fazem parte de suas trajetórias enquanto revolucionários, mas como esse poder é usado é questionado por Esperança do Povo.

Com a análise dos dois contos, vemos que *Os marginais e outros contos* é um livro que não tem como objetivo trazer exemplos, como outras obras do autor, o que se justifica pela estrutura dos textos, que não tem como foco ter sempre o leitor em atenção em razão do choque. O autor deixa de lado a brutalidade, recurso frequente em sua literatura, trazendo uma escrita mais analítica e colocando em contato teses e antíteses. Por isso os contos trazem histórias que são repletas de diálogos, elaborações, pensamentos e discussões para que diferentes propostas sejam apresentadas. Os contos que compõem a obra subvertem o formato esperado e colocam em primeiro plano incursões à memória, reflexões e conclusões que não se fecham, desse modo, temos contos que se atém mais à análise do que a exposição. É como se os contos trouxessem possibilidades de formas de se pensar o que já foi trazido em sua literatura, mas dessa vez discutindo esses fatos, apresentando questões a serem pensadas. É uma leitura

amadurecida do lugar, que olha outros pontos das questões e também um outro passo desse projeto literário de João Melo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

FERRARA, Lucrécia D'alásio. Cidade: meio, mídia e mediação. *MATRIZES*, São Paulo, ed. 1, v. 2, 39-53, 2008.

GARCIA, Marília. *Parque de Ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018.

MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. "Utopia: passado, presente, futuro de um não lugar – Variações sobre um tema de Thomas More". In: MORE, Sir Thomas. *Utopia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora

MELO, João. *Os Marginais e outros contos*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

VECCHI, Roberto. Os fins do tempo do fim: descolonização, negação, pertença. *Altre Modernità*. Milão, n. 16 v. 11, 2016.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, Rene. *História de Angola*. Lisboa: Tinta da China, 2011.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 21/02/2022

¹ Os historiadores citados usam a data que marca a movimentação a partir da perspectiva do MPLA, outros estudiosos afirmam que a luta armada se inicia dia 4 de fevereiro, data do ataque à Cadeia de São Paulo orquestrado por pessoas ligadas à UPA.